

Em Samambaia, quem planta colhe

Esquema de parceria entre governo e comunidade está garantindo verduras legumes e frutas para os moradores

Marcelo Abreu

Da equipe do Correio

Unir esforços e chegar a um resultado positivo. Seguindo esse preceito, a Administração de Samambaia apostou na parceria com os moradores e está desenvolvendo o projeto de hortas comunitárias, que está dando certo. Os frutos já estão sendo colhidos, confirmando a máxima *quem planta colhe*.

O projeto pretende envolver cerca de 200 famílias, para utilizar mais de 25 mil metros quadrados de área cultivada, onde cada seis a

oito famílias cuidam de uma horta. Na parceria, o governo autoriza o uso da terra, empresta as máquinas para a limpeza da área e dá assistência técnica. Os moradores devem plantar, cuidar e colher as hortaliças.

"As feijoadas lá de casa agora são feitas com o couve que colho na horta", conta o funcionário público José Moreira da Silva, 53 anos, casado, quatro filhos, responsável pela horta da QS 623.

Há oito meses, um grupo de moradores foi até a Administração com o objetivo de conseguir uma área onde pudesse plantar. "O go-

verno nos deu o terreno e o adubo. Com nosso dinheiro, compramos as sementes", explica José. Os moradores pagam também a conta de água, dividindo entre as oito famílias. "Geralmente, dá uns R\$ 10, nunca passa disso", acrescenta.

Ana Rosa Santos Reis, 29 anos, casada, cinco filhos, agora ri à toa. No ano passado, junto com amigos e vizinhos, pensou em transformar a área em frente a sua casa, na QR 112, numa grande horta. "Era um espaço que só tinha lama, esgoto e mau cheiro", lembra.

A comunidade da quadra conseguiu a posse do terreno com a Administração Regional e saiu em busca de sementes, paus e arames para cercar a área. Em janeiro deste ano, começaram a plantar e não pararam mais. Alface, cheiro-verde, batata, banana, cebola, tomate, couve, mandioca, pepino e pimen-

tão. "Tem de tudo", vibra Ana Rosa, que já faz planos de aumentar a horta.

DISTRIBUIÇÃO

"O que colhemos dividimos entre nós e o que sobra doamos as pessoas mais carentes, deixamos em asilos, igreja e creches e ainda vendemos. Com o dinheiro, compramos mais sementes e adubos", explica Maria de Fátima Barbosa, 33 anos, moradora da QR 112.

Até os hábitos da comunidade da QR 112 mudaram. Hoje, é *sagrado* sentar ao entardecer num banquinho dentro da horta para jogar conversa fora e planejar mais plantações. Foi numa dessas conversas vespertinas que comeram a primeira colheita de milho. "A gente fazia uma fogueirinha do lado de fora da horta e assava as espigas. O pessoal todo da rua vinha comer", lembra.

Jorge Cardoso



Ana Rosa (E) e Maria de Fátima consomem, doam e até vendem o que colhem